

Cabelos, para que vos quero?

11/09/2014

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Não, não vou escrever sobre eleições, nem sobre candidatos e candidatas, nem sobre delação premiada, nem sobre o terrível campeonato de insultos e agressões em que se converteram as campanhas, ávidas da vitória a qualquer preço. Outros fazem e farão isso insistentemente, ininterruptamente. Basta. Neste mar de más notícias e de indigesto clima, quero falar sobre algo belo e comovente: solidariedade.

Aprendemos no estudo da Antropologia que o ser humano é relacional. Que só existe e se desenvolve estimulado pela alteridade do outro. É a diferença desse outro que diz a identidade do um, que por sua vez lhe devolve a comunicação sobre sua identidade. Assim, o que toca a um toca a todos. O sofrimento de um é problema de todos. Assim como a alegria de um é motivo de festa para todos. Não somos solitários e sim solidários.

Mais tocante é ainda a solidariedade quando parte de um coletivo de jovens. Tanto deploramos o individualismo da juventude hoje, tanto dizemos como era melhor em nossa época. E eis que nos inteiramos que os jovens também são sensíveis, também sabem olhar para o outro e simpatizar, também são capazes de realizar bonitos gestos de solidariedade.

Uma turma de 40 alunos de um colégio de classe média alta carioca, na Barra da Tijuca, apareceu na sala de aula com novo penteado. Os meninos vinham de cabeça raspada, as meninas com os cabelos cortados e as mechas decepadas reunidas em bolsinha levada à mão. Os 14 tufo de cabelo feminino recolhidos já têm destino certo: o Banco Rosa do Instituto Nacional do Câncer (Inca).

Qual o motivo desta revolução de cabeleira que tomou conta do colégio? Não foi moda, nem aposta, nem trote. Simplesmente amorosa solidariedade a uma professora muito querida. Como ela em breve terá que despedir-se por um tempo de seus cabelos e como isso sempre dói na feminilidade de uma mulher, os alunos resolveram mostrar que a amam mesmo sem cabelo. E para isso abrem mão dos próprios cabelos, a fim de estar mais próximos dela.

Norma Ribeiro do Carmo, professora de português e literatura, é casada, tem 37 anos e dois filhos. Há pouco mais de um mês, descobriu um nódulo na mama direita. Os exames mostraram que é positivo. Norma tem câncer, vai tartar-se e, se Deus quiser, ficará curada. Porém, como todos sabem, essa jornada da cura do câncer é longa e penosa. E entre as penas está a temida quimioterapia, que tem vários efeitos colaterais, inclusive a perda dos cabelos.

Os alunos, que gostam muito dela, prepararam-lhe um café da manhã. E apareceram com flores, presentes, alegria...e cabelos. Nenhum na cabeça e muito reunido em bolsinhas para serem doados ao Hospital do Câncer, a fim de fazer perucas para crianças que estão em tratamento de quimioterapia.

Além da emoção e gratidão da professora, o gesto dos jovens desencadeou outras manifestações de solidariedade. Cinco professores raspam igualmente os cabelos. Norma perdeu o medo e ganhou coragem para enfrentar a quimioterapia, cortou seus longos cabelos e ficou muito mais animada para os tempos que virão e para a luta que vai travar contra a doença.

A escola ficou feliz de ver que não passa apenas conteúdos aos alunos, mas também valores. O gesto dos alunos confirmou a competência desses educadores em sua difícil missão e os estimulou na árdua tarefa de formar pessoas. As famílias ficaram orgulhosas de seus filhos. Algumas, que já viveram casos de câncer, perceberam com grande alegria que seus filhos assimilaram o que lhes foi transmitido na vivência de tais situações.

Consola o coração saber que se o mal é difusivo, o bem também o é. E um gesto de solidariedade cai como chuva em terra seca e umedece, fecunda, aduba. E gera outros gestos e situações solidárias, que por sua vez gerarão outras.

Cabelos, para que vos quero? Que diferença faz mais ou menos cabelo quando se trata de apoiar uma jovem e corajosa mulher que está prestes a enfrentar uma situação difícil e dolorosa? Como não entrar em comunhão com sua dor e enchê-la de carinho e esperança? O que é uma bela cabeleira em comparação com isto? Muito pouco, certamente. Bem-aventurados os alunos do Colégio Carolina Patrício, que entenderam esse princípio básico de humanidade.